

SAÚDE E SEGURANÇA NA ESCOLA - TRABALHOS E EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS (RESUMOS SIMPLES) - SAÚDE E SEGURANÇA NA ESCOLA

CURSO SAÚDE E SEGURANÇA NA ESCOLA - EDUCAÇÃO ENTRE PARES

Maria Regina Araújo De Vasconcelos Padrão (regina.padrao@fiocruz.br)

Aline Guio Cavaca (aline.cavaca@fiocruz.br)

Luciana Sepúlveda Köptcke (luciana.koptcke@fiocruz.br)

O curso Saúde e Segurança na Escola, modalidade presencial entre pares, foi oferecido para estudantes do Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal, localizadas em cinco regiões administrativas: Plano Piloto, Sobradinho I, Sobradinho II, Paranoá e Itapoã. O curso contou com a participação de 60 jovens do Ensino Médio, na faixa etária entre 15 e 19 anos. Foram selecionados 72 educandos e, ao final, a atividade foi concluída por 60 estudantes. A principal justificativa de evasão desses 12 educandos foi a inserção no mercado de trabalho, seja através de estágios ou empregos formais. A educação crítica proposta por Paulo Freire e Bell Hooks foi o nosso norte, partindo do pressuposto de que toda pessoa traz conhecimentos nascidos das diferentes relações travadas durante a sua vida. Estes conhecimentos constituíram a matéria prima para o processo de ensino - aprendizagem. O curso foi estruturado da seguinte forma: para cada um dos oito módulos, houve um encontro de debate de conteúdo no espaço da Escola de Governo Fiocruz (EGF) Brasília; um segundo momento de atuação em campo nas escolas, onde os educandos fariam a formação com seus colegas; e, por fim, um novo encontro na EGF-Brasília para a devolutiva dos educandos a respeito da experiência no campo, relatando as dinâmicas utilizadas, os

pontos positivos e as dificuldades enfrentadas nos espaços escolares. Ao todo foram 76 horas de curso. Todas as atividades foram registradas em diários de campo, fotografias e relatórios de pesquisa. No processo de trabalho de campo junto às escolas, os educandos discutiam com seus pares os conteúdos debatidos nos módulos teóricos realizados na Fiocruz, acompanhados da equipe de educadores/mediadores. Nesses espaços, criou-se um círculo de confiança entre todos os atores envolvidos. Como consequência, os coordenadores das escolas participantes do projeto solicitaram que os educadores/mediadores incluíssem no encontro de devolutiva dos trabalhos de campo um momento de reflexão, que chamamos de “Rodas de Saúde Mental”, que relatou uma grande preocupação com o crescente número de casos de depressão, automutilação e tentativas de suicídio entre os jovens das escolas. Dessa maneira, a “adaptação curricular” da atividade deu-se mediante a percepção de educandos, docentes e diretores das escolas sobre a necessidade de diálogo franco e horizontal a respeito da temática de álcool e outras drogas, como dos sofrimentos juvenis contemporâneos, atravessados pelas condições de saúde mental, depressão e suicídio. Nessa vivência nos territórios, estudantes trouxeram contribuições críticas muito fortes sobre guerra às drogas e extermínio da juventude negra, sobre o racismo, e a dificuldade de dialogar na família e na escola sobre esses temas considerados tabus e, como consequência, desabafaram sobre a ansiedade, insegurança e tristeza que sentem por não terem com quem conversar. Nos momentos iniciais dos encontros, convidávamos os educandos para falar sobre suas impressões sobre o curso. Dentre os diversos relatos que nos fortalecia e sinalizava que estávamos caminhando em direção a uma educação dialógica e significativa um educando relatou que: “o curso havia desconstruído o paradigma de educação que eu tinha, porque vocês escutam o que a gente diz. Tem sido uma experiência positiva. E vocês sabiam o meu nome desde o primeiro dia de aula, e eu me senti importante por isso”.